

Apresentação do dossiê:

Inteligência Artificial na pesquisa educacional: para além das hipérboles

Artificial Intelligence in educational research: beyond the hype

Giselle Ferreira

Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-8498-5390>
giselle-ferreira@puc-rio.br

Magda Pischetola

Universidade de Copenhague, Dinamarca
<https://orcid.org/0000-0001-6697-2118>
m.pischetola@hum.ku.dk

A integração de tecnologias geralmente rotuladas como “Inteligência Artificial” (IA) em todos os tipos de sistemas digitais está longe de ser uma novidade. A própria internet tem sido permeada por IA há décadas, ainda que se tenha dado pouca atenção a essa presença. Mais recentemente, começamos a testemunhar um rápido aumento na adoção dessas tecnologias no setor educacional — especificamente, desde o surgimento dos Grandes Modelos de Linguagem (LLMs) que sustentam sistemas como ChatGPT, Gemini, Claude e muitos outros que agora fazem parte do cotidiano de um número crescente de acadêmicos e estudantes em todo o mundo.

No âmbito da Educação Superior, a indústria da IA tem feito muitas promessas, gerando tanto entusiasmo quanto receio. Questões que despertam preocupações específicas relacionam-se à pesquisa — a construção e a disseminação do conhecimento —, incluindo aspectos como originalidade e autoria (Lund; Naheem, 2024; Luo, 2024), segurança de dados (Ghiurău; Popescu, 2026; Winograd, 2023), confidencialidade (Dwivedi *et al.*, 2023), correção factual da informação (Dierickx *et al.*, 2026) e possíveis impactos na cognição, no pensamento crítico e na criatividade (Atkinson; Flanagan, 2024; Yu, 2023), bem como nas habilidades de

leitura e escrita (Warschauer *et al.*, 2023). Pesquisadores buscam acompanhar as novidades e as diretrizes institucionais para o uso de IA na pesquisa, que, por vezes, assemelham-se a tentativas de controlar algo que parece ser um gênio recém-saído da lâmpada (Driessens; Pischetola, 2024; Nguyen *et al.*, 2025), em contraste com uma oposição mais direta à IA na pesquisa, a qual varia em graus de cautela e pessimismo (Guest *et al.*, 2025; Wieczorek, 2025).

Nesse contexto complexo, algumas questões fundamentais precisam ser levantadas: a IA deve ser encarada como aliada ou adversária da pesquisa educacional e, sobretudo, com base em quais argumentos? Podemos vislumbrar alternativas que escapem à dicotomia bom-ruim, que, há muito tempo, marca as discussões sobre a presença de tecnologias digitais na educação? De que maneiras a IA pode ser incorporada aos processos de pesquisa sem comprometer a qualidade do conhecimento que está sendo produzido?

Este dossiê reúne textos que examinam questões relacionadas ao uso da IA na pesquisa educacional de maneiras que escapam ao entusiasmo exagerado característico dos discursos hegemônicos. As perspectivas aqui apresentadas não posicionam a IA como algo “inevitável”, uma mera “ferramenta” ou um recurso “necessário” ao qual os pesquisadores são obrigados a aderir. Em vez disso, os argumentos são específicos, e a argumentação envolve articulações claras com dados empíricos e bases teóricas oriundas de tradições diversas. Os textos ilustram como a IA está afetando diferentes aspectos da pesquisa educacional, incluindo a formação de pesquisadores, o desenho e o desenvolvimento da pesquisa e a divulgação de seus resultados. Abordagens de pesquisa sobre a IA na educação, bem como as implicações cognitivas, afetivas e éticas do uso da IA na pesquisa, também são tratadas, com foco em preocupações que vão além das visões *mainstream* acerca das consequências da IA para a integridade acadêmica e o plágio.

O primeiro texto consiste em uma conversa das organizadoras com Ben Williamson, codiretor do Centro de Pesquisa em Educação Digital da Universidade de Edimburgo. A conversa explora questões decorrentes do surgimento de novas infraestruturas que sustentam a pesquisa educacional como *big science*, incluindo a tendência no sentido de projetos em larga escala conduzidos em sistemas educacionais pelo setor privado, em busca de evidências que comprovem suas alegações sobre os benefícios e ganhos proporcionados pelo uso da IA. Os autores discutem a questão dos *live tests*, testes de tecnologias baseadas em IA realizados com crianças e jovens em redes públicas de ensino, com finalidades questionáveis e a despeito das preocupações dos pais, e abordam questões relacionadas à política educacional e à formação de pesquisadores, temas também tratados em outras contribuições do dossiê. Abordam, também, a situação atual da produção e

disseminação de conhecimento gerado pela pesquisa educacional, processo que vem sendo gradativamente dominado pela automação em praticamente todas as suas etapas — da formação para a pesquisa à publicação de resultados, passando pela revisão por pares.

O primeiro artigo, “Pesquisa científica e uso abusivo de IAs generativas: relâmpago em céu azul?”, de Edgar Lyra, traz uma perspectiva filosófica sobre uma questão central: a autoridade epistêmica. Lyra analisa a atual crise em torno do crescimento exponencial de submissões e do número significativo de retratações, por parte de periódicos, de textos recém-publicados, discutindo as contribuições do uso de IA para esse cenário. O autor aborda o que denomina “condições de possibilidade” desses fenômenos, as quais antecedem o surgimento da IA generativa. Especificamente, ele aponta para a existência de práticas questionáveis no meio acadêmico que são, de fato, orientadas por uma lógica de produtividade amplamente considerada aceitável.

Expandindo uma questão abordada por Lyra, em “O autor na noite voraz: formação de pesquisadores em tempos de Inteligência Artificial Generativa”, Jaciara Carvalho, Adriana Bruno e João Couto exploram a questão da autoria no contexto da formação de pesquisadores. A partir da reflexão de Walter Benjamin sobre a experiência e a alegoria da caverna de Platão, os autores discutem os limites do “conteúdo” criado pela IA generativa, defendendo que a formação de pesquisadores deve fomentar habilidades criativas e narrativas por meio do engajamento com a escrita.

Complementando os artigos anteriores, o texto de Bruna Heinsfeld, “Produtividade, eficiência e otimização: pesquisa sob a ótica do marketing de IA”, critica as noções de produtividade, eficiência e otimização presentes nos discursos promocionais da IA generativa. A partir de uma abordagem baseada nos estudos críticos do discurso para analisar dados empíricos, Heinsfeld enfatiza como esses discursos obscurecem questões de poder, viés e dependência.

“Desestabilizando os letramentos em IA: ética, poder e as pedagogias de pesquisa crítica”, de Giota Alevizou, recorre a estudos críticos da tecnologia educacional para propor uma “reorientação do letramento em IA para práticas sociotécnicas críticas de IA”. Em consonância com todas as contribuições desta coletânea, a autora argumenta contra a abordagem de senso-comum da IA como uma “ferramenta neutra”, sugerindo que se desloque o foco de preocupação de tipos genéricos de letramento em IA para práticas sociotécnicas críticas da IA. Com base em suas experiências na criação de dois módulos de um programa de mestrado *on-line*, a autora defende pedagogias que coloquem em primeiro plano as assimetrias de poder, permitindo, assim, que a pesquisa educacional supere a

dicotomia bom-ruim que tende a caracterizar as discussões sobre IA na educação. Fundamentalmente, Alevizou aponta para a necessidade de ressignificar a ética como uma política de produção de valor e de poder infraestrutural.

Em consonância com essa sugestão, no artigo “As inteligências artificiais na pesquisa em educação: para além da crítica ético-liberal”, Joana Peixoto, Tamara Dantas, Yuri Martins, Phoebe Moore e Adda Echalar discutem a necessidade de que as questões sobre o uso da IA na educação transcendam os aspectos enfatizados pelas críticas ético-liberais, que tendem a se concentrar na garantia de usos “éticos” e “responsáveis”. As autoras argumentam que tal tipo de crítica obscurece a medida na qual a indústria da IA se baseia na expropriação do trabalho, contribuindo, assim, para a reprodução de problemas sociais significativos em escala global. Adotando o materialismo histórico-dialético de Marx como fundamentação teórica, as autoras propõem as ideias de fetichismo e alienação do trabalho como conceitos basilares para o desenvolvimento de críticas voltadas a promover uma pesquisa educacional comprometida com o enfrentamento das questões de desigualdade.

O artigo a seguir, “Pausar, refletir e realinhar: Ubuntu, decrescimento digital e o futuro da tecnologia na educação”, de Tendayi Dzinoreva, recorre à Pedagogia Crítica e à filosofia Ubuntu para abordar os desequilíbrios de poder entre o Norte Global e o Sul Global. Ao propor uma nova perspectiva sobre a IA na pesquisa educacional, a autora levanta uma série de questões sobre o impacto de ferramentas baseadas em IA e indaga: “estamos adotando a IA ou é ela que está nos adotando?”. Também explorando questões relacionadas à desigualdade, o artigo de Francesca Peruzzo e Marina Avelar, “Do entusiasmo à recusa: entrelaçamentos afetivos com a IA generativa na pesquisa acadêmica”, baseia-se em um diálogo autoetnográfico entre as autoras que mapeia as dimensões afetivas do uso da IA, que variam, no caso discutido, do entusiasmo à desilusão e, por fim, à recusa, algo com o qual alguns leitores podem se identificar. As autoras argumentam que essa trajetória reflete a matriz colonial de poder que molda o desenvolvimento da IA, defendendo, portanto, que a formulação de políticas para a IA seja encarada como um processo afetivo, situado e permeado por relações de poder.

Os dois últimos trabalhos da coletânea abordam pesquisas que, assim como o texto de Peruzzo e Avelar, derivam de uma interação direta com a IA. Em “Pesquisa educacional em ecossistemas híbridos: o papel da IA generativa como parceiro de treinamento”, Francesca Capolla, Francesca Gratani, Maila Pentucci, Lorella Giannandrea e Pier Giuseppe Rossi exploram como o uso da IA pode reconfigurar a produção de conhecimento e a agência. Os autores argumentam que, embora a IA possa reforçar regimes epistêmicos

específicos, ela pode ser utilizada para apoiar a investigação crítica, explorando a metáfora da IA como um “parceiro de treino” com exemplos que ilustram como a tecnologia pode ajudar a ampliar os espaços dialógicos necessários para a produção de conhecimento. Encerrando a coletânea, o artigo “O que os jovens imaginam, o que a IA reproduz: imaginários sociotécnicos na pesquisa sobre futuros da educação”, de George Veletsianos e Shandell Houlden, apresenta um estudo de caso focado nos imaginários sociotécnicos de jovens em relação ao papel da IA na educação. O trabalho ilustra como a IA pode ser integrada de forma produtiva à metodologia de pesquisa.

Um ponto de concordância entre todas as contribuições é que a dicotomia bom-ruim é uma forma simplista e reducionista de tentar compreender a presença da IA na pesquisa educacional. Com isso em mente, esperamos que os leitores considerem esta coletânea informativa, instigante e, acima de tudo, inspiradora. Boa leitura!

Referências

ATKINSON, P.; FLANAGAN, T. Humanities on demand and the demands on the humanities: between technological and lived time. *Studies in Philosophy and Education*, v. 43, n. 2, p. 143-160, 2024. DOI: 10.1007/s11217-023-09912-5.

DIERICKX, L.; OPDAHL, A. L.; BJERKNES, F.; LINDÉN, C. G. What is a fact in the age of generative AI? Fact-checking as an epistemological lens. *Information, Communication & Society*, p. 1-18, 2026. DOI: 10.1080/1369118X.2026.2630697.

DRIESSENS, O.; PISCHETOLA, M. Danish university policies on generative AI: Problems, assumptions and sustainability blind spots. *MedieKultur: Journal of media and communication research*, v. 40, n. 76, p. 31-52, 2024.

DWIVEDI, Y. K.; KSHETRI, N.; HUGHES, L.; SLADE, E. L.; JEYARAJ, A.; KAR, A. K.; ... WRIGHT, R. “So what if ChatGPT wrote it?” Multidisciplinary perspectives on opportunities, challenges and implications of generative conversational AI for research, practice and policy. *International Journal of Information Management*, v. 71, 102642. 2023. DOI: 10.1016/j.ijinfomgt.2023.102642.

GHIURĂU, D.; POPESCU, D. E. Data Security and Privacy in GPT Models: Techniques and Challenges. *Applied Sciences*, v. 16, n. 4, 1900, 2026. DOI: 10.3390/app16041900.

GUEST, O.; SUAREZ, M.; MÜLLER, B.; VAN MEERKERK, E.; BEVERBORG, A. O. G.; DE HAAN, R.; ... VAN ROOIJ, I. (2025). Against the Uncritical Adoption of ‘AI’ Technologies in Academia. *Digital Culture & Education*, v. 16, n. 2, p. 85-118, 2026.

Disponível em:

<https://static1.squarespace.com/static/5cf15af7a259990001706378/t/6a0301dc32a58d2314b067d5/1778581980273/Guestetal+2026.pdf>. Acesso em: 20 set. 2026.

- LUND, B. D.; NAHEEM, K. T. Can ChatGPT be an author? A study of Artificial Intelligence author-ship policies in top academic journals. *Learned Publishing*, v. 37, n. 1, p. 13-21, 2024. DOI: 10.1002/leap.1582
- LUO, J. A critical review of GenAI policies in higher education assessment: A call to reconsider the “originality” of students’ work. *Assessment & Evaluation in Higher Education*, v. 49, n. 5, p. 1-14, 2024. DOI: 10.1080/02602938.2024.2309963.
- NGUYEN, A.; KISHORE, S.; HONG, Y.; QUTAB, S.; DANG, B. Generative Artificial Intelligence (AI) in education: from organizing visions to official guidelines. *Information Technology & People*, v. 38, n. 8, p. 172-199, 2025. DOI: 10.1108/ITP-08-2024-1026.
- WARSCHAUER, M.; TSENG, W.; YIM, S.; WEBSTER, T.; JACOB, S.; DU, Q.; TATE, T. The affordances and contradictions of AI-generated text for second language writers. *Journal of Second Language Writing*, v. 62, p. 1-24, 2023. DOI: 10.2139/ssrn.4404380.
- WIECZOREK, M. Why AI will not Democratize Education: a Critical Pragmatist Perspective. *Philosophy & Technology*, v. 38, n. 2, 53, 2025. DOI: 10.1007/s13347-025-00883-8.
- WINOGRAD, A. Loose-lipped large language models spill your secrets: The privacy implications of large language models. *Harvard Journal of Law & Technology*, v. 36, n. 2, p. 616-656, 2023. Disponível em: <https://jolt.law.harvard.edu/assets/articlePDFs/v36/Winograd-Loose-Lipped-LLMs.pdf>. Acesso em: 20 set. 2026.
- YU, H. Reflection on whether Chat GPT should be banned by academia from the perspective of education and teaching. *Frontiers in Psychology*, v. 14, p. 1-12, 2023. DOI: 10.3389/fpsyg.2023.1181712.